



SALOMÃO

Introdução

Entre 970 e 931 a.C., Israel viveu o reinado mais próspero de sua história antiga: a era de Salomão, filho de Davi e herdeiro da promessa. A Bíblia o apresenta como o rei que começou de modo brilhante, pedindo sabedoria no momento em que Deus lhe apareceu pela primeira vez (cf. 1Rs 3,3-15). Atendido no pedido, tornou-se célebre pela prudência, justiça e riqueza, ao ponto de sua fama ultrapassar fronteiras (cf. 1Rs 10). Contudo, a mesma prosperidade que consolidou o reino se tornou, mais tarde, a porta de sua queda. A trajetória de Salomão é, assim, um espelho espiritual impressionante: mostra como Deus exalta quem O busca, mas também como até o mais sábio se perde quando o coração se divide.

1. O dom da sabedoria e o início luminoso

A cena de Gabaon revela a profundidade de Salomão: diante da oferta divina “Pede o que quiseres” (1Rs 3,5), o jovem rei escolheu “um coração que saiba ouvir” (1Rs 3,9). Deus respondeu concedendo sabedoria sem precedentes, além de riqueza e glória (cf. 1Rs 3,10-14). Essa sabedoria se manifestou no julgamento das duas mulheres (cf. 1Rs 3,16-28), na composição de provérbios, cânticos e reflexões (cf. 1Rs 5,12-14), e no discernimento político que projetou Israel como referência entre as nações. Aqui Salomão encarna o ideal do rei-sábio: alguém que governa porque primeiro ouve a Deus.

⇒ “Não sejas insensato em tuas petições para não afligir a Deus com tua ignorância. Sejas sábio na oração e serás digno de coisas gloriosas. Peça apenas as coisas que Deus quer e Ele não te recusará, e serás honrado pela sábia busca da sua vontade. Salomão pediu sabedoria e, com ela, recebeu também o reino terreno, porque soube buscar com verdadeira sabedoria as coisas realmente importantes.”

Isaac de Nínive, *Discursos*, 3.

2. A grandeza administrativa e a consolidação do reino

Salomão transformou Israel numa potência ordenada. Organizou o território em doze distritos administrativos (cf. 1Rs 4,7-19), estabeleceu uma máquina estatal eficiente, fortaleceu alianças internacionais (cf. 1Rs 5; 10) e promoveu obras grandiosas: cidades fortificadas, palácios, infraestrutura interna (1Rs 9,17-19). Nessa fase, seu governo expressou o melhor da aliança davídica: estabilidade, justiça e prosperidade. A paz (*shalom*) permitia que a sabedoria florescesse e que o povo vivesse sem guerra pela primeira vez em gerações.

⇒ “Salomão concentrou suas forças em consolidar na política interna e na cultura as posições que Davi havia conquistado. Sua atividade servia preponderantemente à estabilização do sistema estatal e ao cultivo das artes e ciências, às quais proporcionou, em sua corte, um florescimento considerável. Sua postura na corte parece ter provocado já entre seus contemporâneos assombro e admiração; entre os pósteros isto ainda aumentou, alcançando por fim dimensões legendárias. Não é por nada que um milênio mais tarde “Salomão em toda a sua glória” (Mt 6,29; Lc 12,27) ainda era proverbial, como ficou até hoje.”

H. Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, 252

3. A construção do Templo

O ápice da missão salomônica foi a construção do Templo de Jerusalém (1Rs 5-8). O edifício se tornou centro espiritual e político de Israel, sinal da presença divina no meio do povo. Quando a Arca foi colocada no Santo dos Santos, “a glória do Senhor encheu a casa” (1Rs 8,10-11). A longa oração de Salomão é uma das joias da Bíblia (cf. 1Rs 8,22-53): confessa que Deus não cabe nos céus

e muito menos numa casa feita por mãos humanas, mas suplica que Ele escute todo aquele que vier orar voltado para aquele lugar. Após essa dedicação, Deus apareceu-lhe pela segunda vez (cf. 2Cr 7,11-20), reafirmando promessas e advertindo: a fidelidade traria bênção; a infidelidade, destruição. O rei recebeu, então, a mesma palavra que Davi ouvira: o trono permanece apenas enquanto o coração persevera.

⇒ “A arca da Aliança é o Senhor, nosso Salvador - mediante o qual temos uma Aliança de paz com o Pai - que ascendeu aos céus depois da sua ressurreição e se sentou à direita do Pai com a carne que recebera da Virgem”

Beda, *Sobre o Templo de Salomão*, 1,1163-1168

4. A prosperidade perigosa e a queda espiritual

A Bíblia não oculta o lado escuro do reinado de Salomão. O crescimento econômico e político levou Salomão a alianças matrimoniais extensas (cf. 1Rs 11,1-8): haréns formados por princesas estrangeiras, fruto de acordos comerciais e diplomáticos típicos da época.

Para manter vantagens e evitar tensões internacionais, o rei primeiro tolerou e depois apoiou cultos pagãos, construindo altares para agradar às esposas e às redes comerciais associadas. Não foi sedução erótica: foi sedução do poder e da prosperidade. Deus apareceu-lhe pela terceira vez (1Rs 11,9-13), agora para julgar. Não retirou-lhe o trono durante sua vida, por amor a Davi, mas o reino seria dividido.

Além disso, Salomão pesou sobre o povo com impostos altos (cf. 1Rs 12,4), trabalhos forçados (cf. 1Rs 4,6; 5,27) e centralização excessiva. Essas sementes germinaram após sua morte na ruptura entre Judá e Israel. Sua queda, porém, não anulou a promessa: da linhagem de Davi veio um Rei eterno, fiel onde Salomão falhou.

⇒ “Em Salomão, filho de Davi, essa paixão não foi passageira, como um hóspede, mas dominou seu coração como uma rainha, o que a Escritura não silencia, pois o culpa por ter sido amante de mulheres. E, apesar dele, no início, ter tido desejos ardentes de sabedoria, que ele ganhou por meio do amor espiritual, por fim a perdeu, por causa do amor carnal.”

Agostinho, *Sobre a Doutrina Cristã*, 3, 21, 31.

Síntese espiritual: o que podemos aprender de Salomão?

A vida de Salomão é uma parábola viva sobre a tensão do coração humano. Ele ensina que começar bem não garante terminar bem; que dons extraordinários podem se perder quando o coração se distrai; e que prosperidade sem vigilância vira laço. Mostra também que Deus permanece fiel mesmo quando nós não permanecemos.

De Salomão aprendemos que:

- a verdadeira sabedoria nasce de pedir a Deus um coração que saiba ouvir;
- nenhuma construção, por mais sagrada, substitui a fidelidade pessoal;
- as alianças que firmamos moldam nosso coração, para o bem ou para o mal;
- o maior inimigo espiritual não é a desgraça, mas a prosperidade que embriaga.

Por fim, Salomão aponta para Alguém maior que ele: o Filho de Davi que não terá coração dividido, o Rei definitivo cuja sabedoria não se corrompe e cujo reino não se divide. Nele, o drama de Salomão encontra sua cura e sua plenitude.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 5: 1-2 Reyes, 1-2 Crónicas, Esdras, Nehemías. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.
- SICRE DÍAZ, J.L., *Introdução ao Antigo Testamento*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 2024.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.